



O elemento missioneiro como problematização da identidade gauchesca nos contos de Luiz Sérgio Metz

The “missioneiro's” element as problematization of the gaúcho identity in Luiz Sérgio Metz's short stories

Rafael Eisinger Guimarães¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de demonstrar como a narrativa do escritor Luiz Sérgio Metz problematiza a imagem do gaúcho construída pelo cânone literário, com a inclusão de elementos silenciados ou marginalizados nas obras dos escritores que compõem o cânone da literatura regionalista sul-rio-grandense. Para tanto, serão analisados os contos “O neto do Senhor” e “A noite da boiguaçu”, tomando por base teórica as ideias de Angel Rama, Antonio Candido, Jens Stüben, Jochen Grywatsch, dentre outros.

Palavras-chave: narrativa gauchesca; identidade cultural; cânone literário; Luiz Sérgio Metz

Abstract: This paper aims to show how the narrative work of Luiz Sérgio Metz *discusses* the image of the gaúcho built by the literary *canon*, with the inclusion of elements silenced or marginalized in the works of writers who composes the canon of gauchesca. For this purpose, it will be analyzed the short stories “O neto do Senhor” (“The grandson of the Lord”) and “A noite da boiguaçu” (“Night of boiguaçu”), taking as theoretical basis the ideas of Angel Rama, Antonio Candido, Jens Stuben, Jochen Grywatsch, among others.

Key-words: Gauchesca narrative; cultural identity; literary canon; Luiz Sérgio Metz

A produção literária gauchesca tem sido motivo, há muito tempo, de acaloradas discussões no âmbito da crítica acadêmica. De um lado, estão os que subvalorizam tais obras, imputando a elas um excessivo apego à documentação e um reduzido rigor estético, em especial no que diz respeito às narrativas produzidas após a década de 1920, período a partir do qual as propostas vanguardistas introduzidas pela Semana da Arte Moderna transformaram-se em balizadoras do que seria considerado produção artística de alta qualidade. A partir dessa premissa, com exceção de poucos nomes da chamada “Geração de 30” e da obra de Guimarães Rosa, o cânone brasileiro sustenta-se em narrativas que tratam do espaço e de personagens urbanos, no mais das vezes localizados no centro do País, relegando o regional às margens da literatura nacional.

De outro lado, contrapondo-se a esse movimento, levantam-se vozes em defesa do

¹ Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor-pesquisador no Programa de Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul.

valor literário das narrativas gauchescas, não apenas sublinhando um conjunto de traços temáticos e estéticos importantes, como também estabelecendo, entre tais textos e autores, uma relação orgânica significativa, a ponto de hoje podermos nos referir à existência de um sistema literário e um cânone gauchescos.

Nesse sentido, a ideia de sistema literário gauchesco, desenvolvida pelo crítico uruguaio Angel Rama (1977) a partir do conceito formulado por Antonio Candido (1997), assume papel importante para pensarmos a produção literária de temática gauchesca como um todo. Mais do que isso, auxilia sobremaneira no esforço de compreender e apontar os elementos envolvidos no processo de elaboração e manutenção de um cânone da literatura gauchesca, oferecendo, por consequência, subsídios para problematizar tais critérios e dar destaque a obras e autores excluídos por esse cânone.

Tendo em vista esses aspectos, o presente artigo aborda a obra do escritor Luiz Sérgio Metz (2001), mais especificamente dois dos contos publicados no livro *O primeiro e o segundo homem*, de 1981. A análise aqui proposta tem por objetivo demonstrar como a narrativa desse autor, nascido na região missioneira do Rio Grande do Sul, opera uma fissura na imagem do gaúcho construída pela literatura gauchesca, a partir da presença de elementos simbólicos e identitários da experiência local. Para tanto, faz-se necessário, inicialmente, discutir o conceito de sistema literário e ressaltar os elementos simbólicos reiteradamente articulados pelas obras tidas como canônicas no sistema literário da gauchesca sul-rio-grandense, os quais reforçam uma ideia homogênea da identidade cultural do gaúcho a partir de uma matriz bastante específica.

O sistema literário da gauchesca sul-rio-grandense e a homogenização da imagem do gaúcho

Na introdução de sua conhecida *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido (1997) propõe a ideia de que as obras de determinada literatura integram um sistema articulado, influenciando e sendo influenciadas umas pelas outras a partir do compartilhamento de temas, imagens e recursos estéticos específicos. Nesse sentido, o conceito de tradição como uma espécie de “transmissão da tocha entre corredores” (CANDIDO, 1997, p. 24), com a retomada de determinados temas por autores distintos, formando padrões e diretrizes estéticas, torna-se um elemento agregador constituinte do sistema literário de um país e, em certo sentido, também de uma determinada região cultural.

Em sua abordagem crítica da literatura gauchesca rio-platense, Angel Rama (1977) retoma explicitamente as ideias de Antonio Candido para elaborar a sua concepção de

sistema literário da gauchesca. Para o crítico uruguaio, um dos traços mais relevantes e, em sua opinião, a razão do êxito literário da gauchesca, consiste na rígida codificação de sua linguagem literária, restrita a um repertório não muito amplo de temas e a uma reduzida gama de proposições estéticas.

Não obstante o fato de as observações de Rama referirem-se à poesia gauchesca platina, é possível transpô-las, sem muita dificuldade, para o contexto da prosa de temática gaúcha produzida no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, se atentarmos para as narrativas gauchescas sul-rio-grandenses, em especial àquelas que compõem o cânone de tal sistema, é possível notar que tais obras retomam, de forma recorrente, a mesma matriz simbólica, qual seja, o peão das estâncias de criação de gado localizadas na região da Campanha, na metade do sul do Estado.²

Publicada em 1912, a obra *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto (1998), é tida como um dos pontos altos da literatura gauchesca, introduzindo uma série de elementos que seriam reapropriados nos textos de autores posteriores. Assim, aspectos cruciais para a elaboração do caráter de valentia e bravura do gaúcho, como sua associação às guerras, que serviram de mote para os contos “O anjo da Vitória” e “Duelo de farrapos”, publicados em *Contos gauchescos*, ressurgem, por exemplo, nos contos “Beira de estrada”, publicado em *No galpão*, de 1925, e “Pinto Bandeira”, publicado em *Coxilhas*, de 1957, ambos de Darcy Azambuja (1956, 1960). A exemplo desse, outros traços que compõem o processo de elaboração da imagem literária do gaúcho, como sua proximidade com os animais de pastoreio – mote central de “Boi velho”, de Simões – e a atividade de contrabando, que marca geográfica e culturalmente o gaúcho como um sujeito da Campanha e da fronteira – aspecto que serviu de tema a Simões Lopes Neto para a elaboração do conto “Contrabandista” –, são retomados por Darcy Azambuja, respectivamente, nas narrativas “Boi carreteiro”, presente em *Coxilhas*, e “Contrabando”, publicado em *No galpão*.

Muito embora a matriz pastoril e guerreira predomine no processo de elaboração da imagem do gaúcho proposto pela obra literária de Simões Lopes Neto, cumpre observar que a matriz indígena adquire alguma importância na concepção de identidade que subjaz o projeto literário do escritor pelotense. Tal valorização é facilmente observada não apenas no fato de o autor de *Lendas do Sul* colocar, ao lado das narrativas de origem

² A discussão a respeito da hegemonia da figura do gaúcho como matriz identitária da literatura regionalista sul-rio-grandense já foi largamente desenvolvida. Para retomar esse debate, conferir os trabalhos de Guilhermino Cesar (1994), Flávio Loureiro Chaves (1994), Luis Augusto Fischer (2007), Sergius Gonzaga (1980), Ruben Oliven (1992) e Regina Zilberman (1992), dentre outros.

européia e afro-brasileira, a lenda indígena “A mboitatá”, mas também na reunião de uma série de breves argumentos tomados de outras lendas missioneiras que, somadas ao poema “O lunar de Sepé”, garantem papel de destaque para o elemento autóctone em sua obra.

Mesmo que um tanto quanto ofuscado pela força estética dos contos narrados pelo vaqueano Blau Nunes, o elemento missioneiro presente em *Lendas do Sul* acaba sendo retomado, quase cinquenta anos mais tarde, na obra de outro grande nome do cânone da literatura sul-rio-grandense. Muito embora a narrativa de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo (2004), reitere o imaginário acerca do gaúcho, reforçando a vinculação de sua figura à questão pastoril, ao espaço geográfico da Campanha e à valentia guerreira – bastando, para constatar isso, recordarmos das figuras do Capitão Rodrigo, de Licurgo, do velho Fandango e dos patriarcas da família Amaral –, cumpre lembrar que o início da saga dos Terra-Cambará ocorre nas Missões, sendo um mestiço, Pedro Missioneiro, o “Adão” do povo que protagonizará a história narrada nos três volumes da obra de Verissimo.

A despeito de seu caráter épico, em especial no que tange ao primeiro volume, publicado em 1949, a trilogia de Erico Verissimo desmantela o traço idealizado a partir do qual a imagem literária do gaúcho havia sido elaborada nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, embora não possa ser categorizada propriamente como uma narrativa gauchesca, *O tempo e o vento* compartilha a visada crítica que marcou a geração de escritores que, a partir da publicação de *Campo fora*, de Cyro Martins (1984), em 1934, mudou o paradigma da gauchesca sul-rio-grandense. Dentre esses autores, cuja obra acabou recebendo a denominação coletiva de “Romance de 30”, destacam-se, além de Cyro, os nomes de Pedro Wayne (1982), Ivan Pedro de Martins (1981, 1984, 1986) e Aureliano de Figueiredo Pinto (1986).

Inseridos em um processo mais amplo, que operou uma mudança significativa na produção literária regionalista brasileira a partir daquilo que Antonio Candido (2006) denominou “consciência do subdesenvolvimento”, esse grupo de autores elaborou uma imagem desmistificada do habitante do pampa, designado agora não mais com a alcunha nobre e valorosa de “monarca das coxilhas”, mas como “gaúcho a pé”, denominação proveniente da trilogia publicada por Cyro Martins – *Sem rumo*, de 1937, *Porteira fechada*, de 1944, e *Estrada nova*, de 1953 –, uma das obras mais representativas desse novo período da gauchesca do Rio Grande do Sul.

Contraopondo-se à idealização da figura do gaúcho da Campanha, levada a cabo pelas narrativas gauchescas dos primeiros decênios dos Novecentos, a produção literária

da chamada Geração de 30, contudo, acabou por reforçar a ideia de uma identidade hegemônica do sul-rio-grandense. Dito de outra forma, mesmo que, a partir da obra de Cyro Martins e seus contemporâneos, o gaúcho passasse a ser visto de forma mais crítica, esse sujeito seguia tendo como matriz identitária o indivíduo que vivia na metade sul do Estado, em um processo de homogeneização que ignorava por completo os demais elementos étnicos – africanos, imigrantes e indígenas – participantes do processo de miscigenação pelo qual passou a população do Rio Grande do Sul. Tal cenário começa a se alterar a partir de um terceiro momento verificado na narrativa gauchesca, cujo marco inicial pode ser datado nos anos 1970 e 1980 e no qual o nome de Luiz Sérgio Metz figura como um dos mais significativos e esteticamente relevantes.

O imaginário missioneiro e a transculturação literária nos contos de Luiz Sérgio Metz

Seja por questões temáticas, seja por aspectos estéticos, a obra de Luiz Sérgio Metz pode ser inserida na categoria que Angel Rama (1989) designou como “regionalismo plástico”, ou seja, a produção regionalista latino-americana que acabou por, a partir da década de 1940, revitalizar as tradições locais à luz das vanguardas europeias. Em linhas gerais, a renovação da literatura regionalista levada a cabo pelo processo de transculturação pode ser observada em três níveis: no nível linguístico, no nível da estruturação literária e no nível da cosmovisão. No que tange ao terceiro nível, o mais relevante para a análise aqui proposta, observa-se que, ao serem assimiladas pelas obras de temática regionalista, as vanguardas europeias colocaram em xeque o discurso lógico-racional vigente desde a Idade Moderna, a partir de uma valorização do mito e de uma visão de mundo própria das sociedades tradicionais.

Para além das considerações de Rama, a questão do local tem sido vista como um elemento determinante na produção e abordagem crítica da literatura a partir de um viés distinto, mas que, embora de forma sutil, parece dialogar com as premissas do pensador uruguaio. A partir da chamada “virada espacial”, iniciada na última década do século passado, a região adquiriu um significativo valor como categoria de análise e paradigma teórico no âmbito dos estudos literários. Tal fenômeno, sublinha Jens Stüben (2013), deve-se principalmente à constatação de que os “espaços de sentido” e os “espaços de experiência” são determinantes para a produção artística, uma vez que o trabalho do escritor será sempre marcado por sua percepção do ambiente que o cerca. Não muito distinta é a concepção de Jochen Grywatsch, para quem o espaço “é uma matriz de orientação fundamental que desenvolve, dentro de estruturas espaciais, o senso comum,

a memória e a imaginação, e nisso organiza a vida, pensamento e realização” (GRYWATSCH, 2013, p. 162).

Tendo em vista tais questões, é possível observar como, a partir de uma experiência do local, a obra de Luiz Sérgio Metz instaura uma ruptura na figuração homogênea do gaúcho, proposta pelo cânone da narrativa gauchesca sul-rio-grandense. Nascido na cidade missioneira de Santo Ângelo, em 1952, e falecido em Porto Alegre, em 1996, Metz é autor de uma obra reduzida porém relevante. Sua prosa, em especial o livro de estreia, *O primeiro e o segundo homem*, de 1981, estabelece um diálogo bastante claro com o cânone do sistema literário gauchesco, sendo fácil perceber o ecoar do contador de causos simoniano em um personagem como Belizário, de “A cordilheira e o vento”, ou o reflexo da imagem do gaúcho a pé de Cyro Martins nos personagens de “Ulpiano, seus irmãos e sua velha mãe” – conto cujo título remete, de forma tangencial, ao conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa –, ou ainda os elementos da valentia violenta, que marcaram inúmeras narrativas do sistema literário gauchesco e que, em Metz, servem de tema para o conto que dá título ao livro em questão. Contudo, diferentemente de seus antecessores, as narrativas do autor santo-angelense introduz um elemento novo, qual seja, o deslocamento da matriz identitária do gaúcho do espaço simbólico da Campanha para as Missões.

Já em uma primeira leitura dos contos de Luiz Sérgio Metz, é possível perceber que a experiência do local materializa-se em aspectos como a presença de índios guaranis no papel de protagonistas de três dos nove contos que integram *O primeiro e o segundo homem*: “O neto do Senhor”, “A noite da boiguaçu” e “Almas arrabaleiras”. Contudo, para além dessa questão pontual, parece mais interessante sublinhar a forma como a narrativa de Metz não apenas reelabora uma série de elementos próprios do imaginário e da cultura missioneira, como também, a partir disso, instaura uma fissura na concepção pretensamente monolítica da identidade gauchesca proposta pelo cânone da literatura sul-rio-grandense, em especial nas já mencionadas narrativas “O neto do Senhor” e “A noite da boiguaçu”.

Abrindo o livro de contos de Metz, “O neto do Senhor” propõe uma alegoria para a gênese do povo gaúcho, a exemplo do que fizera Verissimo em “A fonte”. Contudo, diferentemente do que se passa no episódio de *O continente*, no qual os elementos indígena e missioneiro restringem-se à esfera temática, na narrativa publicada em *O primeiro e o segundo homem*, a matriz autóctone materializa-se também na estruturação do discurso narrativo, ao mesclar elementos da crença católica e indígena, aspecto esse fortemente arraigado à cultura missioneira desde o seu uso como artifício adotado pelos

jesuítas no século XVII para a catequização dos índios:

O céu havia dado o terceiro intenso sinal de Luz Azul e sensualizou os conventos, os tabernáculos, as hóstias. Tudo na terra obedecia o ritmo de um novo céu erótico. Mesmo os badalos não mais açoitavam os sinos e sim roçavam-se nos campanários. Jesus Cristo apaixonara-se por uma jovem bugra missioneira, de nome Maria, da antiga redução de São João.

Alheio ao desejo de Jesus e à clarividência do sinal de Luz Azul, Tupã continuou nas suas ocupações de pastor dos índios. Depois, Tupã se decidiu em ceder uma fêmea de seu rebanho. Então, quando Maria souou os forros de algodão de sua cama de couro, ela recebeu a visita de Deus em forma de intensa Luz Amarela que lhe falou de sua vontade de recebê-la como nora nas Altas Cortes e seu consentimento em ter um Neto. (METZ, 2001, p. 21)

Em um intrincado processo de hibridização, a figura de Jesus, totalmente desvinculada, pelo pensamento cristão, da ideia de desejo sexual, não apenas se apaixona por uma índia como pretende ter relações com ela. Por sua vez, é atribuído a Tupã, uma divindade indígena, o caráter de “pastor de homens”, ideia associada, pela Igreja Católica, à figura do Cristo.

Somado a esse, outros aspectos podem ser vistos como a materialização do elemento indígena missioneiro na estrutura narrativa de “O neto do Senhor”, explicitando a presença de traços de transculturação narrativa. Um deles diz respeito à contagem do tempo pelos ciclos da natureza:

Morreu o último crisântemo. A Primavera chegou, floresceu nas urnas de barro dos cemitérios guaranis. Nunca a Primavera deu tantas cores e margaridas. Os trigais, sem praga alguma, douravam em movimentos as coxilhas.

Quando a Primavera encorpou, Maria teve seu último aviso em um sonho sobre uma barca [...]. (METZ, 2001, p. 23)

Da mesma forma que os elementos da natureza servem de medida para a passagem do tempo, outra marca do pensamento e da visão de mundo das comunidades

arcaicas adquire relevância no discurso narrativo transculturador do conto em análise. Trata-se da antropomorfização dos eventos climáticos:

O Minuano, vento silencioso e sério, fora encarregado de cuidar o rancho de Maria. Ele trouxe consigo apenas as suas filhas virgens, as aragens do Leste, e deixou em sua nascente os seus filhos machos para que não viessem se roçar nas frinchas daquela moradia. O Minuano sabia mais, sabia que de todos os ventos era o Norte o mais mulherengo, e o deixou de castigo a rebojar seus eros no oco do Santo do Pau Oco, no Museu de São Miguel. (METZ, 2001, p. 22)

Como é possível observar, “O neto do Senhor” constrói uma espécie de narrativa fundacional da cultura missioneira a partir de um diálogo entre elementos simbólicos provenientes da cultura cristã europeia e dos mitos guaranis. Apropriando-se do imaginário a respeito de Sepé Tiarajú, anteriormente carregado de elementos místicos em “O lunar de Sepé”, de Simões Lopes Neto, e, em larga medida, também no episódio “A fonte”, de *O continente*, o conto de Luiz Sérgio Metz ressimboliza os relatos bíblicos da Anunciação e do Nascimento do menino Jesus, para, a partir deles, construir uma narrativa mítica do nascimento de Sepé e sua vinculação com a cultura contemporânea, uma vez que, mais do que com objetos específicos da cultura guarani, o “filho de Jesus” é presenteado com artefatos representativos da cultura e da identidade gaúcha: o arado, simbolizando o trabalho e a terra; o exemplar de *O continente*, representando a literatura sul-rio-grandense; e a bomba de chimarrão, objeto que remete à tradição popular que, muito embora seja de origem indígena, está fortemente identificado com a cultura do Estado em um sentido largo.

Se, em “O neto do Senhor”, a prosa de Metz apropria-se de uma forma discursiva – o mito – e de uma visão de mundo próprias do imaginário indígena missioneiro, em “A noite da boiguaçu”, a presença do elemento local pode ser verificada mais no nível temático do que no estético, a partir da releitura de uma conhecida lenda missioneira: a lenda da m'boi-guaçu.

O conto “A noite da boiguaçu” se passa em uma noite chuvosa, no interior de um bolicho em São Miguel, próximo às ruínas da catedral missioneira. Após o assassinato de Gomes, atingido por um tiro vindo da rua, o índio Tatuim, um turista, o dono do bolicho e um violeiro presenciam a chegada do irmão mais velho do morto e passam a viver a tensa

expectativa do ato de vingança iminente. À medida que a trama se desenvolve, é conhecida a provável causa do homicídio: a denúncia do roubo de uma carga de soja, que teria sido feita pela vítima da emboscada fatal. Em meio às conversas sobre o cadáver, o roubo da soja e os autores do crime, o velho índio conta para o turista a lenda da cobra gigante:

– Se não fosse esta morte – disse –, te mostraria uma coisa. Quando dá este chuaral fico vendo os raios clarearem a janelinha das Ruínas, ao lado da torre da esquerda...

[...]

– São os olhos da Boiguaçu na janelhina. Ela surge no chuvasco – Tatuim fez um gesto vagaroso. Alargou os olhos pelo rosto todo só ressaltando os lábios, que estendeu acolherados para frente. A cabeça inteira balançava leve, seguia falando da Cobra Grande que havia comido os filhos dos índios comidos na guerra de 1750. Tatuim falava com a mão trêmula pela cachaça, mas de olhos e lábios firmes, e trêmula também pelo mistério dos raios. Os olhos roliços do bugre como um açude que inunda na pele fina e gasta do rosto. Quando os mostrava, os dentes eram claros como os dentes dos cavalos.

– A cobra chorava de fome, as índias com pena entregavam seus filhos, pois já tinham entregado seus maridos. (METZ, 2001, p. 44-45)

Mais do que uma história narrada por Tatuim para aparentemente desviar a atenção do forasteiro, a lenda da m'boi-guaçu pode ser lida como uma metáfora para o contexto de violência que funciona como pano de fundo do conto de Metz. Nesse sentido, da mesma forma que o apetite da lendária serpente parecia não saciar mesmo depois de tantas vidas terem sido oferecidas em sacrifício, também as mortes decorrentes de questões financeiras relacionadas à plantação de soja aparentam não ter fim, a despeito do desejo, daqueles que não estão diretamente envolvidos, de que elas acabem.

– Estamos nos acostumando demais com a morte, disse mais calmo o bolicheiro. O que tinha este miserável a ver com o roubo de soja?

[...]

- A morte! A morte! A vingança! – gritou Tatuim de lá de sua mesa.
O bolicheiro bateu o punho no balcão:
– Tá bêbado este bugre de merda! Me dá vontade de prender o pé na bunda!
– Tá bêbado o quê, seu pançudo de merda! Sou o pai de vocês todos aqui. Arreparem se é jeito de deixar a cabeça de um vivente! – apontou o Gomes morto. – Vocês andam pior que corvo na volta! Toque esta merda de violão, guitarrero de merda! Enterrem o coitado!
- [...]
- Aqui não se caça mais, não se pesca, não se corre mais carreira. É só veneno e nervosismo com colheitas. O senhor vai ver. O senhor terá muito que contar de São Miguel. Se chegar a São João Velho *vai ter com soja até dentro da Igreja!*
- [...]
- Todos vocês já foram sucesso. São Miguel já foi sucesso! A Festa de São Miguel era uma alegria. O senhor experimente vir numa agora! No ano passado, uma peleia ensanguentou mais de quarenta! Dez! Doze! Quinze! Quantos mortos? O hospital cheio. Vinte construíram o silo, vinte trabalhavam nas granjas... (METZ, 2001, p. 50-52, grifo nosso)

A partir das palavras do bolicheiro e do índio, é possível obter algumas chaves de leitura que permitem compreender a lenda da m'boi-guaçu em um sentido mais amplo. Em um primeiro momento, a ideia de ter “soja até dentro da igreja” remete, nas entrelinhas, à tentativa da serpente de invadir a catedral onde as mulheres e crianças indígenas estavam refugiadas. No entanto, mais significativa do que essa é a relação que se pode estabelecer entre o fato de a morte estar virando rotina para os personagens do conto da mesma forma que era já rotina para as mulheres indígenas entregarem seus filhos para a cobra gigante.

Tendo em vista as questões discutidas até aqui, é possível concluir que, para muito além de um mero diálogo com as obras canônicas da narrativa gauchesca produzida no Rio Grande do Sul, a produção literária de Luiz Sérgio Metz, em especial os contos publicados em *O primeiro e o segundo homem*, introduz um novo elemento simbólico que problematiza e questiona a pretensa hegemonia da Campanha como matriz da identidade

cultural gauchesca. Nesse sentido, mais do que se apropriar, em termos temáticos, dos elementos das culturas indígena e missioneira, algo que, de certa forma, já havia sido feito por autores canônicos, como Simões Lopes Neto e Erico Verissimo, a narrativa de Metz materializa essa referência cultural e identitária no nível estético, valendo-se do processo de transculturação narrativa para não só recuperar uma visão de mundo característica das comunidades arcaicas como também para plasmar, em seu discurso, o hibridismo cultural e a mescla entre a tradição cristã europeia e a mitologia guarani, mescla essa que representa a marca mais explícita do imaginário e da identidade missioneira.

Bibliografia

- AZAMBUJA, Darcy. **Coxilhas**: contos. Porto Alegre: Globo, 1956.
- AZAMBUJA, Darcy. **No galpão**: contos gauchescos. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1960.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2 v.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: _____ **A educação pela noite**. 5ª ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul, 2006, p. 169-196.
- CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande**: literatura. Organização e introdução: Tânia Franco Carvalhal. Porto Alegre : IEL, Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- CHAVES, Flavio Loureiro. **Matéria e invenção**: ensaios de literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- FISCHER, Luís Augusto. **Conversa urgente sobre uma velharia**: uns palpites sobre a vigência do regionalismo. **Revista Cultura e Pensamento**. Brasília, n. 3, dezembro de 2007, pp. 127-139.
- GONZAGA, Sergius. **As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura**. In: **DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs). RS: cultura & ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 113-132.
- GRYWATSCH, Jochen. **Literatura na região e o conceito de espaço**. In: **ARENDETT, João Claudio; NEUMANN, Gerson (Orgs.). Regionalismus – Regionalismos**: subsídios para um novo debate. Caxias do Sul: Educs, 2013, p. 157-172.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos & Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- MARTINS, Cyro. **Campo fora**. Porto Alegre: Movimento, 1984.
- MARTINS, Cyro. **Estrada nova**: romance. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**: romance. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

- MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. 4. ed. rev. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- MARTINS, Ivan Pedro de. **Caminhos do sul**. 2. ed., rev. Porto Alegre: Movimento, 1984.
- MARTINS, Ivan Pedro de. **Casas acolheradas**: romance. 2. ed. rev. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- MARTINS, Ivan Pedro de. **Fronteira agreste**. 7. ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- METZ, Luiz Sérgio. **O primeiro e o segundo homem**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PINTO, Aureliano de Figueiredo. **Memórias do coronel Falcão**. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- RAMA, Angel. **El sistema literario de la poesía gauchesca**. In: **Rivera, Jorge B. (org.). Poesía Gauchesca**. Caracas : Biblioteca Ayacucho, 1977, p. IX-LIII.
- RAMA, Angel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Montevideo : Fundación Angel Rama : Arca Editorial, 1989.
- STÜBEN, Jens. **Literatura regional e literatura na região**. In: **ARENDETT, João Claudio; NEUMANN, Gerson (Orgs.). Regionalismus – Regionalismos**: subsídios para um novo debate. Caxias do Sul: Educs, 2013, p. 36-73.
- VERÍSSIMO, Érico. **O arquipélago**. 3. ed. 3 v. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VERÍSSIMO, Érico. **O continente**. 3. ed. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VERÍSSIMO, Érico. **O retrato**. 3. ed. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WAYNE, Pedro. **Xarqueada**. 2. ed., rev Porto Alegre: Movimento, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. atualizada e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.